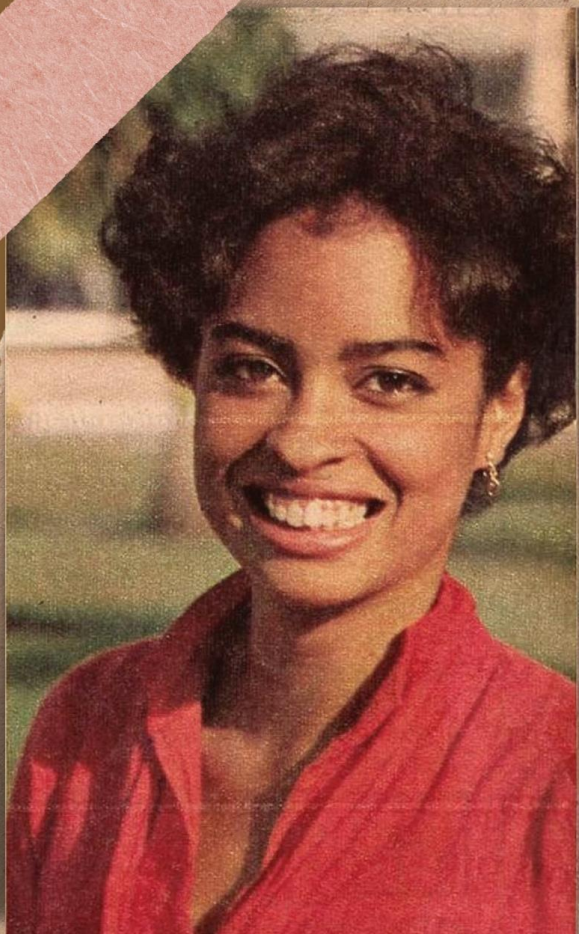




# Biblioteca Feminista Mônica de Menezes Campos

Acervo de Bibliografia Feminista  
de Relações Internacionais





## ZARAGOCIN, Sofía. *Feminismo decolonial y buen vivir. Feminismo y buen vivir: utopías decoloniales*, p. 17-25, 2017.

Giovana Aparecida Cecilio dos Santos

### *Credenciais da autora*

Sofía Zaragocin é Professora do Instituto de Relações Internacionais e Ciência Política da Universidade de Cambridge. É pesquisadora nas áreas de Feminismo Latinoamericano, Pensamento Decolonial, Interculturalidade, Feminist Geography e outros campos afins, tendo publicado vários artigos que englobam as temáticas. O presente texto faz parte de um livro importante para um tema ainda pouco compreendido, "Feminismo y Buen Vivir: Utopias Decoloniales".

### *Resumo e informações principais do texto*

Sofía Zaragocin irá traçar paralelos entre o feminismo decolonial e o Bem Viver. Como seu texto faz parte de um livro sobre o tema, ela não se propõe a definir os termos, mas entende-se por feminismo decolonial aquele pensado a partir da relação estabelecida durante a colonização (no caso, das Américas), que compreende a opressão de colonizadas a partir da lógica classe-raça-gênero e busca a emancipação material e subjetiva. Bem Viver(es)<sup>1</sup>, por sua vez, pode ser definido de várias maneiras, como sendo cosmovisões, ontologias de povos originários de Abya Yala que se contrapõe à epistemologias ocidentais e busca re-estabelecer outros tipos de sociedade, baseado em valores comunais e com grande integração à natureza.

Tendo isto posto, pode-se compreender os apontamentos da autora em relação aos seus dois argumentos principais, sendo eles: 1) O Bem Viver se situa em processos constantes de

---

<sup>1</sup> No fichamento usarei o termo Bem Viver, mas entende-se que ao usá-lo eu estou me referindo à pluralidade de pensamentos de povos originários e tradicionais, à diferentes concepções que tem em comum serem contra-hegemônicas.



hibridização e 2) O feminismo decolonial é o enfoque feminista mais relevante para enfatizar a potencialidade utópica e política do Bem Viver nos espaços geográficos e imaginários contra-hegemônico de Abya Yala.

Assim, ela expõe alguns fatos. O Bem Viver, assim como feminismos decoloniais, indígenas, autônomos e comunitários, vem resistindo e questionando paradigmas coloniais desde muito antes da pauta do feminismo ocidental ser levantada. Contudo, quando autores decoloniais homens escrevem sobre feminismo tendem a relacioná-lo com o projeto da modernidade ou tomá-lo de forma universalista baseado na ideia de igualdade de gênero do feminismo ocidental. Até mesmo a institucionalização do feminismo no Equador em relação ao discurso governamental de que não é possível haver Bem Viver sem igualdade de gênero, baseia-se no feminismo ocidental e não olha para como se dão as relações de gênero desde dentro do Bem Viver. Análises e construções conceituais do Bem Viver vem se relacionando muito com temas sobre natureza, desenvolvimento e interculturalidade, mas não tanto com questões de gênero.

O feminismo decolonial e o Bem Viver enfrentam o mesmo desafio de criar uma epistemologia decolonial a partir dos espaços imaginários da pós-colonialidade e da decolonialidade. Para a autora, um aporte teórico que pode ser usado pelo feminismo é a forma com que o Bem Viver enfatiza as relações de poder inter e intra social por meio de propostas interculturais.

Como mencionado antes, o Bem Viver encontra-se em processos constantes de hibridização, que seriam colisões que criam algo novo que transcende a diferença entre as partes, criando uma terceira via que nega possibilidade de dualismos. Zaragacion traz que alguns autores veem esse hibridismo como uma metamorfose entre a cosmologia andina e uma reelaboração acadêmica e política, já outros criticam e pautam que o Bem Viver não é passível de hibridismos, é o contrário, na defesa de suas essências e culturas. Entretanto, faz-se preciso entender que a hibridização de que a autora fala não é entre moderno e não-moderno, colonial e não-colonial. Trata-se de uma união entre processos que bebem de várias fontes e que estão ambos contra a violência epistêmica.

Lorena Cabnal, feminista comunitária, é citada a respeito de que os fundamentos filosóficos e cosmogônicos que sustentam o Bem Viver também precisam ser repensados, mas a partir das mulheres que compõe esses povos originários da mesma forma que se dá o repensar das relações de gêneros pela epistemologia feminista. E nisto, o feminismo decolonial pode ser um aporte de auxílio. Ambas são epistemologias do Sul que criticam o sistema

Modernidade/Colonialidade, a pretensão salvadora do feminismo hegemônico e o binarismo do mundo ocidental, assim pluralizam as vozes que tecem as críticas.

### *Tabela de citações*

CITAÇÃO DIRETA	LOCALIZAÇÃO DA PÁGINA
“Al decir que el Buen Vivir no es posible sin la igualdad de género, no reflejamos las relaciones de género desde el Buen Vivir sino que lo sustituimos con la democracia numérica y lo metamorfoseamos con el discurso feminista occidental”	pág. 17
“una particularidad de los procesos de hibridación en torno al Buen Vivir es que su propia pluralidad se asienta, en parte, en conocimientos colectivos e históricos, lo cual supone una inherente y constante hibridación [...]”	pág. 19

### *Comentários*

O texto é teórico e trata sobre os pontos de encontro entre epistemologias feministas decoloniais e Bem Viver(es). É interessante para se pensar as Relações Internacionais e não apenas questões locais, no sentido de compreender as resistências que se deram a partir de momentos históricos específicos que moldaram o sistema com o conhecemos hoje.

# QUEM ESCREVEU?

*Giovana Cecilio*

Graduanda em Relações Internacionais pela  
Universidade Federal de Uberlândia.

